



rumores e ruídos

O RIO DE DRUMMOND E DA HUMANIDADE

Drummond, o homenageado da 10ª edição da FLIP, é frequentemente apresentado como poeta de Itabira, sua cidade natal, pertencimento que sempre lhe foi pródigo como matéria poética: “Minas não é palavra montanhosa./ É palavra abissal. Minas é dentro/ e fundo”. Como fazer uma leitura de sua obra sem deixar de registrar a presença dessa mineiridade, atravessada pela recordação?: “Itabira é apenas uma fotografia na parede./ Mas como dói”.

É justamente aqui que se coloca uma questão bastante polêmica para a crítica literária, preocupada com adjetivações, rótulos e escaninhos. É aqui também que se geram vários equívocos de interpretação. O solo onde se nasce é o critério ideal para designar um escritor? De que maneira um lugar se transforma em objeto de produção literária, ou antes, uma condição intrínseca para o trabalho de criação artística? Por que os lugares de destino e eleição não podem igualmente funcionar como predicações? Não é paulista o escritor pernambucano Marcelino Freire ou o mineiro Luiz Ruffato? Por que Manuel Bandeira e Drummond não são poetas cariocas se suas obras escavaram fundo as praias, os morros, as avenidas, os becos do Rio de Janeiro?

Na crônica “Primeira Vez”, Drummond diz: “O Rio é ainda o maior e melhor assunto, além de ser o melhor ponto de vista, o melhor terraço para se divisar qualquer assunto”. Nessa mesma crônica, afirma que “para ser carioca, mais do que ter nascido no Rio, é ter aderido à cidade”. Penso que tal aderência deveria ser a medida de pertencimento a uma cidade. Para ser de um lugar, é preciso estar colado a ele. Ser de um lugar é questão epidérmica, como canta João Bosco: “bate é na memória da minha pele”. Quando há, então, esse envolvimento com o clima da cidade, o artista passa a ser - ainda que poeta, compositor ou pintor - seu cronista.

Drummond se deixa seduzir pelo canto da seria, enamora-se da princesinha do mar. O Rio de Janeiro lhe entra pelos poros e sentidos e amolece sua alma de ferro (“oitenta por cento de ferro”). Na seção “Rio de Janeiro” do



poema “Lanterna mágica”, descreve, de início, o espanto: “Fios nervos riscos faíscas./As cores nascem e morrem/ com impudor violento.”(...)/ Nas praías nu nu nu nu nu nu./ Tu tu tu tu tu no meu coração.” (...) “Mas tantos assassinatos, meu Deus./ E tantos adultérios também”. Para confessar ao final: “Meu coração vai molemente dento do táxi”.

Desprezar esse caminho para o mar como uma das chaves de leitura da poesia de Drummond é querer aprisioná-la em reducionismos localistas, insistência comum aos críticos, leitores e também escritores. Mas, em Minas, como diz o poeta, o “mar secou”; “Minas não há mais”. No poema “Coração numeroso”, pode-se ler com clareza essa gradativa adesão à cidade, pois o vento que soprava - e que vinha de Minas - cede ao deslumbramento e à fascinação que invadem o poeta: “O mar batia em meu peito, já não batia no cais.”/(...) a cidade sou eu/ sou eu a cidade”. Tal relação de identidade e aderência grita na “Canção do Fico”, talvez, sua mais contundente declaração de amor: “Minha cidade do Rio,/ “meu castelo de água e sol”/(...) “minha terra de nascença/ terceira, pois foi aqui,/ em êxtase, alumbramento,/ que o mar e seus mundos vi”.

Não é à toa que a sua tão maltratada estátua de bronze, fncada diante do mar de Copacabana, incorpora-o à paisagem cultural, tornando-o patrimônio da cidade que, agora, é patrimônio da humanidade: a honraria concedida pela UNESCO, pela primeira vez, a uma cidade, na categoria paisagem cultural urbana. Que me desculpem meus amigos geógrafos, historiadores, antropólogos, sociólogos, alguns parceiros deste espaço no jornal, e também possíveis leitores, mas não posso resistir a duas, três palavrinhas desprentensiosas sobre o conceito de “paisagem” e a categoria “paisagem cultural urbana”. Juro que foi o Drummond que me motivou. E o Rio, é claro!

Sem querer entrar num território que não é meu, mas pelo qual sinto profunda simpatia, e sem querer também discutir correntes positivistas ou humanistas da Geografia, gostaria só de pensar que a literatura também ela pode ser analisada como paisagem cultural, se partirmos do pressuposto



rumores e ruídos

de que paisagem é história passada e presente, resultado das relações sociais e simbólicas entre o homem e a natureza que o rodeia, ou seja, estrutura simbólica de interação cultural. Há grupos de pesquisa em universidades brasileiras estudando esses diálogos interdisciplinares.

Na poesia de Drummond, onde o Rio é mais bonito, a paisagem natural dos cartões-postais soma-se ao que a arquitetura lhe desenhou em diferentes momentos e àquilo que dela escapou (suas “favelas portinarescas”). Por isso, entoemos com o poeta: “Rio antigo, Rio eterno,/ Rio-oceano, Rio amigo”/ (...) Tu ficarás, e eu contigo”.

